



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

SÍNTESE DA TESE “O MEU CORPO SOU EU? – NARRATIVAS DE CADEIRANTES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL”

Carla Borges de Andrade

FACED/UFBA – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia; DSAU/UEFS – Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana - carlabajs@hotmail.com

Miguel Angel García Bordas

FACED/UFBA – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia - magbordas@gmail.com

Resumo

Este texto tem por objetivo apresentar uma síntese da tese intitulada “O meu corpo sou eu? – narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal”, sua estrutura capitular, matriz metodológica, principais resultados e conclusões, conforme fora defendida em audiência pública remota, recentemente.

Palavras-chave: tese, cadeirantes, imagem corporal, filmes, narrativas.

Abstract

This text aims to present a synthesis of the thesis entitled “Is my body me? - narratives of wheelchair users about the construction of body image”, its chapter structure, methodological matrix, main results and conclusions, as recently defended in a remote public hearing.

Keywords: thesis, wheelchair users, body image, films, narratives.

1 Introdução

Este texto é uma síntese da tese intitulada “O meu corpo sou eu? – narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal”, recentemente defendida em audiência pública remota, a qual se insere no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Neste artigo,

temos o objetivo de apresentar essa síntese, delineando a tese a partir de sua estrutura capitular, matriz metodológica, principais resultados e conclusões.

A tese consta de 252 (duzentas e cinquenta e duas páginas), organizadas em 09 (nove) capítulos, sendo: um capítulo introdutório; um capítulo referente à metodologia adotada; um capítulo que apresenta o estado da arte referente ao objeto de estudo; três capítulos de natureza teórica, que fundamentam toda a tese; dois capítulos de análise de dados, sendo um a partir de análise fílmica e outro sobre as entrevistas concedidas; e o último, das considerações finais da pesquisa.

A priori, pensamos ser pertinente trazer o conceito de educação que permeou toda a tese: a educação é tudo aquilo que se processa e se estabelece a partir das histórias de vida, das sociabilidades e das relações intra e interpessoais, privilegiando conhecimentos de diferentes naturezas, como é o caso dos valores éticos e estéticos tão fortemente imbricados com a formação e desenvolvimento da imagem corporal e tão questionados quando da aquisição de uma deficiência (CALLEJA, 2008). Dito isso, passemos para os elementos introdutórios da pesquisa, que se encontram no capítulo Primeiras Palavras.

2 Desenvolvimento

O capítulo 1 da tese, de título “**Primeiras Palavras**”, é a introdução da pesquisa, onde se encontra a sua justificativa, a partir das seguintes motivações: a) continuidade dos estudos realizados durante a trajetória acadêmica, os quais versam sobre a imagem corporal em diferentes contextos e grupos; b) constatação de uma lacuna nas publicações sobre este objeto no que se refere a pessoas cadeirantes, sendo praticamente inexistente quando se trata de narrativas dessas pessoas; c) acompanhamento do processo de reconstrução da imagem corporal de um familiar ao se tornar cadeirante em decorrência de amputação da perna esquerda por complicações de uma diabetes agressiva.

Foi justamente daí que se originou o problema de pesquisa, que foi: **como se dá o processo de construção da Imagem Corporal de cadeirantes a partir da aquisição da deficiência física, e quais as implicações desse processo para a sua vida cotidiana?** E deste problema emergiram os objetivos da pesquisa, que foram: **Objetivo Geral:** compreender como se dá o processo de construção da Imagem Corporal de cadeirantes a partir da aquisição da deficiência física, bem como as implicações desse processo para a sua vida cotidiana. E os **objetivos específicos:**

a) reconhecer nas narrativas dos participantes da pesquisa a(s) forma(s) como percebem a cadeira de rodas, considerando as dimensões mnemônicas (lembranças, silêncios e esquecimentos) que as sustentam no ato de sua interpretação; b) identificar os indícios (também chamados de pormenores, vestígios, sinais ou pistas) nos discursos e comportamentos dos participantes que sejam reveladores de suas subjetividades, concepções e percepções acerca da própria imagem corporal; c) analisar as implicações que as mudanças no processo de desenvolvimento da imagem corporal trouxeram para a vida das pessoas sociais da pesquisa, a partir dos sentidos e significados atribuídos por elas a essas mudanças.

A pesquisa resultou na elaboração da tese que defendemos, qual seja: **a aquisição da deficiência física determina alterações na imagem corporal, de modo que se inicia uma nova concepção de si, que vai sendo paulatinamente consubstanciada pelas relações intra e interpessoais estabelecidas e pelas representações sociais da deficiência, da cadeira de rodas e do cadeirante.**

Já o capítulo 2 da tese, de título “Como foi esta conversa”, refere-se à metodologia, onde se encontra uma descrição minuciosa e justificada de todas as opções feitas, as quais se encontram aqui sintetizadas. Esta pesquisa insere-se nos estudos qualitativos (SUASSUNA, 2008), sob perspectiva fenomenológica (DARTIGUES, 2003), e se sustenta no paradigma indiciário, (GINZBURG, 1990) e na teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1988). Os métodos adotados para a produção dos dados foram o estudo de caso do tipo histórias de vida (TRIVIÑOS, 2009), e a análise fílmica de 7 (sete) obras cinematográficas (ARAÚJO; OLIVEIRA 2013). Como instrumento de coleta de dados da pesquisa empírica, foram utilizadas a entrevista semiestruturada (MANZINI, 2018), a qual captava narrativas autobiográficas (SOUZA, 2008) como respostas. Todos os dados coletados foram analisados segundo a técnica da Análise Microgenética, (GÓES, 2000).

O 3º capítulo da supramencionada tese é intitulado “**Do que estamos falando?**”, em que se apresenta o estado do conhecimento acerca da temática, a partir de bases de dados digitais. Foi realizado um levantamento das publicações acadêmicas em bases digitais renomadas, tais como: Periódicos CAPES; Banco de Teses e Dissertações da CAPES; *Google Acadêmico* e Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Seleccionamos 26 (vinte e seis) publicações como sendo relacionadas à temática, as quais são 21 (vinte e um) artigos científicos, 02 (duas) monografias, duas

(duas) dissertações e 01 (uma) tese, recortadas de um universo de 1000 (mil) trabalhos identificados.

No capítulo seguinte, de título “Estamos falando sobre imagem corporal”, conceituamos a Imagem Corporal, em seu processo de construção, desconstrução e reconstrução que se dá ao longo da vida, como diz Diniz (2015, p. 19),

a construção da imagem corporal é resultante de um esforço contínuo da contraposição do corpo com a realidade que o circunda, através de um processo dinâmico que exige movimento e ação, e que não alcança a completude, pois está condicionado às mudanças das situações vitais, que reconfiguram essa imagem, determinada através das associações, tendências, memórias, experiências, intenções e aspirações.

Além disso, apresentamos o que a literatura versa sobre conceitos que consideramos fundamentais para o entendimento da imagem corporal, tais como: corpo, corpolatria, pirateamento corporal, diversidade corporal e autoestima. Já no capítulo “Estamos falando sobre pessoas com deficiência”, que é o 5º capítulo da tese, contextualizamos os conceitos de inclusão, integração, exclusão, deficiência e seus modelos, diferença e estigma à luz da literatura e da legislação específica, a fim de compreender sua relação com a imagem corporal estabelecida social e historicamente. As leituras nos permitiram entender que precisamos urgentemente modificar nossa sociedade para que seja efetivamente inclusiva, afinal, “na sociedade inclusiva ninguém é bonzinho. Ao contrário. Somos apenas - e isto é o suficiente - cidadãos responsáveis pela qualidade de vida do nosso semelhante, por mais diferente que ele seja ou nos pareça ser. Inclusão é, primordialmente, uma questão de ética” (WERNECK, 1997, p. 21).

A tese abordou uma deficiência específica: a deficiência física adquirida. Ela foi escolhida porque quem passa a ter deficiência depois de certa idade sofre um processo de ruptura, uma desconstrução seguida de reconstrução de sua imagem corporal, tendo de aprender a lidar com seu corpo novo, desconhecido, com uma nova identidade, como dizem Alves e seus colaboradores (2013).

Neste contexto, entra em cena um outro elemento: a cadeira de rodas. No novo corpo, “a cadeira de rodas torna-se uma extensão de seu corpo, e conviver com esse auxílio trará nova percepção sobre o mundo e sobre a forma de viver, o que implica maior ou menor grau a mudança no autoconceito” (SERNAGLIA; DUARTE; DALLA DÉA, 2010, p. 02). Assim sendo, conforme seja a forma da pessoa lidar com a cadeira de rodas, ela se sentirá limitada ou cheia de possibilidades. Isso ficou

evidenciado nos filmes que analisei no capítulo “O cinema também fala disso...”, do qual trataremos a seguir.

A seguir, temos o capítulo 7, intitulado “O cinema também fala disso...”, que apresenta o enredo e as discussões tecidas sobre 7 filmes de cinema que foram analisados. Esses filmes não foram uma amostra, mas o universo de produções que tematizam pessoas cadeirantes com deficiência física adquirida, ou seja, são poucos também, o que nos fizeram questionar: a imagem corporal de pessoas cadeirantes é tão incômoda que não deve ser exibida no cinema? Isso se deveria ao fato de que os mais renomados ícones de beleza globais surgem e se impõem nas grandes telas? Mas, de que beleza se está falando? Enfim, apenas provocações para nos fazerem pensar. Vejamos de que trata cada um desses filmes brevemente:

Feliz Ano Velho é uma produção brasileira que conta a história de Mário, um jovem que ao mergulhar em um lago acaba sofrendo um acidente e fica tetraplégico. Sentindo-se preso em sua cadeira de rodas, sente que até o seu corpo o abandonara. Mário vive a experiência do não-eu, e precisa reaprender a lidar consigo mesmo, com sua nova condição, com seu novo corpo, e tem grandes conflitos em relação a sua imagem corporal e ao uso da cadeira de rodas, já que, para ele, representa estigma e limitação. Mais tarde, porém, o rapaz busca formas de sobrevivência e começa a escrever sobre o seu passado, sobre o quão se sentia feliz antes daquele *réveillon* que mudou sua vida.

O escafandro e a borboleta nos conta a história de Jean-Do, que subitamente tem um derrame cerebral. Como sequela, fica com uma rara paralisia, e o único movimento que lhe resta no corpo é o do olho esquerdo. Sua imagem corporal passa a lhe ser tão estranha e incômoda, que ele começa a rejeitar o espelho. Não quer se ver daquela forma, paralisado, preso como em um escafandro. Para ele, a cadeira de rodas e o próprio corpo são seus maiores aprisionamentos. Até que decide não ter mais pena de si mesmo, e se liberta por meio de sua imaginação e de sua memória que lhe dão asas para outros voos, tal qual uma borboleta logo que sai de seu casulo. Assim, para Jean-Doo, seu corpo, definitivamente, não é ele mesmo.

Intocáveis é a história de Philippe, que após sofrer um grave acidente, fica tetraplégico. Ensimesmado e introspectivo, Philippe percebe que nem toda a sua riqueza é suficiente para lhe trazer de volta o sorriso e a felicidade. O olhar para si mesmo e para a cadeira de rodas torna-se insuportável, tanto que ele diz: “Minha deficiência não é só andar de cadeira. É não viver sem ela.” Essa sua condição de

dependência o faz contratar Driss como assistente, um jovem rapaz desajeitado e fanfarrão que nada tem a ver com a vida que Philippe levava, mas que em momento nenhum o olha ou o trata como um pobre coitado. Tudo o que Philippe queria era ser visto sem piedade para poder ser ele mesmo. E Driss, que também aprendeu a ser uma pessoa melhor ao lado do novo amigo, é aquele que faz Philippe redescobrir o prazer de viver, apesar da deficiência.

Já em **Ferrugem e Osso**, duas histórias se entrecruzam, a de Alain e Stéphanie. Ela, uma treinadora de orcas que sofre um acidente de trabalho e tem as duas pernas amputadas. Ele, um pai desempregado, que vive na informalidade. A aproximação dos dois traz à tona a questão da sexualidade da pessoa com deficiência que, comumente, é questionada ou inferiorizada, como se o direito de exercê-la não existisse. Stéphanie, antes do acidente, era consciente de sua beleza e poder de sedução. Gostava de ser olhada e de seduzir. Mas, depois do ocorrido, imobiliza-se, como se a vida tivesse acabado. Para ela, o olhar alheio já não era de contemplação de sua beleza, mas de espanto por ela ter ficado naquela condição. Com isso, ela diz se esquecer de sua sensualidade, e que não sabe se ainda a possui. Alain se dispõe a ajudá-la nesse sentido, e a moça percebe que ainda tem muito a sentir e a viver. No entanto, ela também o ajuda a se reencontrar profissionalmente, tornando-o um lutador de sucesso. Até que ele também adquire uma deficiência nas mãos, ao tentar quebrar o gelo de um lago onde o filho caiu, a fim de salvá-lo. É Stéphanie quem ensina a Alain a como lidar com sua nova condição, em retribuição ao que antes ele fizera por ela, mesmo sem saber que estava fazendo.

Um momento pode mudar tudo nos apresenta a história de Kate, uma pianista de sucesso que desenvolve ELA, Esclerose Lateral Amiotrófica, uma doença grave e degenerativa que compromete a mobilidade corporal. Kate sente na pele a invisibilidade por que passam as pessoas com deficiência, e se sente culpada pela traição do marido, como se sua doença justificasse as atitudes dele. Ela não aceita sua imagem corporal, e declara que sente saudades de si mesma, do que era antes. Sua relação com a cadeira de rodas também não é das melhores, pois é para ela símbolo de doença, a constatação de que está doente. No entanto, ao conhecer Bec, sua nova cuidadora, Kate decide viver da forma mais plena possível o tempo que lhe resta, retomando inclusive sua vida social, a fim de sair daquela invisibilidade que tanto lhe incomodava.

Como eu era antes de você conta a história de Will que, ao ser atropelado por uma moto, fica tetraplégico. Percebendo-se obrigado a permanecer em uma cadeira de rodas, o rapaz se torna depressivo e decide pôr fim à própria vida. Tendo feito um acordo com os pais, adia por seis meses essa sua vontade. É então que ele conhece Louisa Clark, uma moça simples, engraçada e que faz de tudo para que ele desista de seus planos. Embora os dois tenham se apaixonado e vivido circunstâncias bem felizes, isso não foi suficiente para que Will desistisse do suicídio. Pode parecer egoísmo da parte dele, que não priorizou os sentimentos e esforços de Clark e de sua família, mas não foi. Para ele, cada instante vivo era um sofrimento. Ele até mesmo acreditava que não vivia, apenas existia. E existia sentado numa cadeira de rodas. Esta constatação lhe era dolorosa e insuportável. Ele queria seu corpo de volta, queria sua vida de volta, afinal, quem ali se encontrava não era ele. Sentia-se inútil, frustrado, e não podia aceitar isso. Até as fotografias lhe eram incômodas, pois perpetuavam a imagem corporal que ele tanto queria esquecer, e queria que fosse esquecida. Então, chega de dor! Passados os seis meses acordados com os pais, Will põe fim a seu sofrimento, mas permanece vivo em Clark e na memória de todos os que o amavam, onde pode ser livre, pleno e feliz, ou seja, ser ele mesmo do jeito que se conhecia.

Em **O que te faz mais forte**, temos a história de Jeff, um rapaz simples e alegre que, enquanto esperava sua namorada Erin finalizar a participação na Maratona de Boston, foi atingido por uma das bombas do atentado terrorista e perdeu as duas pernas. De uma hora para a outra, Jeff vê sua vida mudar completamente. Sua imagem corporal é bruscamente desconstruída e ele resiste a iniciar o processo de reconstrução, querendo reter na memória apenas aquele corpo que lhe era conhecido, tanto que ele diz que não queria olhar para si mesmo. E também pedia às pessoas que não o olhassem. No entanto, seu processo de recuperação acabou sendo espetacularizado, e o rapaz passou a receber convites para todos os eventos da cidade, sendo reconhecido como super-herói. Logicamente, para ele, não havia nada de heroico em permanecer sentado numa cadeira de rodas sem suas pernas. Ele se sentia incompleto, como se a amputação também tivesse arrancado boa parte de sua dignidade. Jeff deseja voltar a ser normal. No entanto, conforme vai aceitando sua nova condição e vai reconstruindo sua imagem corporal, ele entende que o conceito de normalidade também tem outros significados. Até que descobre que vai ser pai, e isso é, com certeza, algo que lhe faz mais forte para poder continuar sua vida.

Passando para o capítulo 8, “Mas, de repente... O meu corpo sou eu?”, temos as narrativas de pessoas cadeirantes que colaboraram com esta pesquisa por meio da concessão de entrevistas, as quais estão identificadas como Rosa, Lírio e Girassol. Apresentamos aqui a síntese do que se encontra na íntegra no relatório da tese, já que não caberia no texto a apresentação das narrativas completas.

Concordando com Montenegro (2007, p. 24), que “A memória não é um mecanismo de gravação, mas de seleção, que constantemente sofre alterações” e, portanto, revela o que quer, colocamo-nos na posição de ouvintes, sem nos permitir fazer juízos de valor quanto ao que fosse narrado. Assim, iniciamos perguntando como adquiriram suas deficiências físicas. Rosa foi em decorrência de poliomielite, embora tivesse sido vacinada. Lírio foi devido a uma queda: ao mergulhar num rio, bateu a cabeça num banco de areia e sofreu uma fratura na região cervical, que lhe causou uma tetraplegia traumática incompleta. E Girassol foi por causa de um acidente automobilístico: ao perder o controle do carro que dirigia numa curva sobre uma ponte, o carro despencou de uma altura considerável. Ele teve uma fratura na coluna vertebral com lesão medular completa, ao nível da 12^a vértebra do tórax, e ficou paraplégico.

A segunda pergunta foi sobre como era sua imagem corporal construída antes da aquisição da deficiência. Como para Rosa isso se deu quando era bem pequena, afirmou não ter essa referência. Já Lírio, afirmou que gostava de se olhar no espelho, que tinha corpo, rosto e cabelo bonitos, e que se considerava atraente. Girassol, por sua vez, disse que se via como um super-herói, com corpo atlético, esportista, inatingível. Já quando perguntamos sobre a imagem corporal após a aquisição da deficiência, Rosa declarou se sentir bem com seu corpo. Afinal, era praticamente o corpo que ela sempre conheceu. Lírio, no entanto, revelou que isso lhe trouxe maturidade e sensibilidade, pois percebeu que questões estéticas passam, e são menos importantes do que outros valores. Girassol também passou a conceber seu corpo de uma forma diferente, compreendendo sua complexidade, e a importância do cuidado a ele. Mas, também reconheceu que foi complicado ter que lidar com um novo corpo. Esse processo de desconstrução de uma imagem corporal previamente estabelecida para uma reconstrução iniciada de maneira abrupta e traumática, realmente, é complicado, principalmente, porque pode trazer consequências importantes para a autoestima, como diz Maia (2010).

Dando prosseguimento, perguntamos sobre a imagem corporal na atualidade, considerando o tempo decorrido desde a aquisição da deficiência. Rosa destaca que hoje tem plena consciência de que seu corpo atual não corresponde aos padrões de beleza valorizados midiática e socialmente. Já Lírio diz que hoje se sente muito bem consigo mesmo, e que acha seu corpo muito bonito, apesar de apresentar quilinhos a mais. E Girassol declara que antes tinha um corpo perfeito, e que reconhece que isso não mais acontece. Entretanto, hoje tem uma maior percepção de si e se cuida mais. Então, perguntamos como acham que as outras pessoas concebem o seu corpo, ou seja, a representação social que sentem estar estabelecida sobre o corpo da pessoa cadeirante. Rosa declara que a deficiência aparece mais do que a própria pessoa e que isso se reflete em sua carreira profissional. É como se ela não fosse capaz de pensar e produzir porque tem uma limitação nos movimentos. Lírio afirma que percebe o olhar preconceituoso das outras pessoas, mas diz que isso não interfere na sua vida. Girassol aponta que, devido à forma como se impõe socialmente, não percebe olhares discriminatórios em relação ao seu corpo, revelando ter sua autoestima bem resolvida. Maia (2010, p. 05) diz, justamente, que a autoestima “vem a ser a maneira pela qual os indivíduos aceitam sua própria identidade, incluindo aí uma boa imagem corporal e uma aceitação dos aspectos afetivos e sociais inerentes a sua existência”.

Interessou-nos saber se as opiniões alheias interferem na sua imagem corporal, ao que os três responderam que não, embora tenham consciência de que vivemos numa sociedade que é “fonte **geradora da deficiência**, isto é, ela gera e discrimina o que criou” (CARMO, 1991, p. 68).

Na tentativa de fazer o papel inverso, perguntamos se antes de adquirirem a deficiência mantinham contato com pessoas cadeirantes. Rosa afirma que sempre conviveu com essas pessoas, com as quais se encontrava nos espaços de tratamento e reabilitação que costumava frequentar. Já Lírio e Girassol declaram que não tinham contato algum com pessoas cadeirantes, as quais eram invisíveis para eles. Essa invisibilidade, inclusive, Lírio manteve em sua resposta, quando perguntamos o que sentiam ao ver um cadeirante, antes de também o serem. Já Rosa disse que sentia respeito e consternação ao ver essas pessoas. Isso porque, apesar de sua deficiência física, Rosa preferiu por muito tempo usar muletas em vez da cadeira de rodas. Girassol, em sua narrativa, disse que chegou uma vez a tentar se colocar no lugar de uma pessoa cadeirante, ainda que por imaginação, e comentou com um colega que nem se imaginava daquele jeito.

A seguir, quisemos saber o que essas pessoas sociais sentiram ao se sentarem pela primeira vez em uma cadeira de rodas. Rosa disse que foi muito difícil, que relutou, não queria precisar da cadeira. Para Lírio também não foi fácil, não, porque a constatação de sua nova condição estava ali representada. Já para Girassol, que vinha de um longo período deitado na maca do hospital, a cadeira de rodas representou um alento, um alívio, uma oportunidade feliz de liberdade e locomoção. Souza (1994, p. 27) afirma que “uma boa cadeira de rodas permite manter em melhores condições suas funções cardiovasculares, auto superar-se física e psiquicamente, adotar práticas de lazer ativo e ter facilitado seu convívio social”.

Então, perguntamos o que teria sido mais impactante: a aquisição da deficiência ou o tornar-se cadeirante? Para Rosa, foi o tornar-se cadeirante, já que a deficiência era uma constante em sua vida desde muito cedo. No entanto, ela destaca que algumas questões são bem impactantes nessa relação deficiência – convivência social, como, por exemplo, a questão da comunicação: quando ela faz uma pergunta e a pessoa responde para quem está conduzindo a cadeira, em vez de responder a ela, é como se não fosse capaz de compreender o que a pessoa está dizendo. Ou ainda o fato de que a sociedade cria lugares ou não-lugares para as pessoas com deficiência, e essas pessoas parecem aceitar isso. Para Rosa, isso sim é impactante. Já Girassol e Lírio concordam que o mais impactante foi a aquisição da deficiência, que mudou completamente suas vidas.

Foi então que perguntamos se hoje se sentem uma pessoa limitada ou com possibilidades. Rosa voltou a repetir que prefere usar outros recursos à cadeira, como as bengalas. Essa preferência é consonante com o que diz Souza (1994, p. 63), de que “sob o ponto de vista popular a cadeira de rodas sempre foi vista como símbolo de invalidez (...) de dependência ou incapacidade” e, portanto, Rosa não queria assumir esse estigma simbolizado pela cadeira. Ela compreende que tem limitações, as quais não necessariamente vêm somente do fato de possuir uma deficiência ou de usar a cadeira de rodas, mas sim do processo natural de envelhecimento. Lírio também reconhece ter limitações, e chama a atenção para o fato de que todas as pessoas têm limitações de diferentes naturezas, como financeira, física, social. No entanto, afirma que ser cadeirante lhe traz mais possibilidades do que limitações. Girassol não se sente limitado, e esclarece que apenas precisou adaptar a forma como faz as coisas que antes fazia de outro jeito.

Uma pergunta que permeou toda a pesquisa, inclusive desde o título, é: o meu corpo sou eu? Ao serem questionados sobre isso, Rosa e Lírio deram resposta positiva, declarando que o corpo é, sim, eles mesmos. Rosa explica: *Não me sinto como se o corpo fosse um suporte, não, uma prótese. Eu me sinto como o meu corpo. Eu olho com detalhes, eu me reconheço como pessoa, como um ser humano.* Esse posicionamento nos faz retomar a afirmação de Bruaire (1972, p. 106), de que “o corpo é eu-mesmo, pois sou uma contradição imediata, feita de uma liberdade divina e presa ao mundo que eu sou condenado a superar, na impossibilidade de arrancar-me dele”. Já Girassol afirmou que não entende que seu corpo seja ele. Em sua explicação, afirmou que seu eu vai além de seu corpo, e que compreende o corpo como uma casa do seu eu.

Durante as entrevistas, alguns conteúdos foram emergindo nas narrativas, como a questão da sexualidade e deficiência. Maia e Ribeiro (2010, p. 160) chamam a atenção para o fato de que “o erotismo, o desejo, a construção de gênero, os sentimentos de amor, as relações afetivas e sexuais, são expressões potencialmente existentes em toda pessoa, também naqueles que têm deficiências”. Mas isso parece ainda não ser compreendido naturalmente em nossa sociedade. Rosa, por exemplo, relata que se decepcionou tanto com os vários namoros que não deram certo, e que ela sabe que eram por conta de sua condição de pessoa com deficiência, que decidiu desistir disso e buscou sublimar essa ausência com o seu profissionalismo. Já Lírio declarou que vivencia sua sexualidade tranquila e satisfatoriamente. Mas, aponta um sério problema que é a falta de acessibilidade dos motéis de Feira de Santana, os quais não são adaptados para que possam ser frequentados por pessoas cadeirantes. Girassol também declarou que a libido e o apetite sexual não foram abalados por conta da deficiência. Apenas precisou se redescobrir e aprender novas formas de sentir prazer. A lesão medular que Girassol sofreu não lhe deixa ter filhos por métodos naturais, mas ele e a esposa estão em processo de inseminação artificial.

3 Conclusão

Por fim, o capítulo 9 da tese, de título “Ainda cabe dizer que...”, que trata das considerações finais do estudo. Afirmamos que a imagem corporal se apropria da cadeira de rodas, incorporando-a, a ponto da pessoa até se esquecer de que a está utilizando. É como se ela já fizesse parte de si.

O corpo de cada uma é seu eu manifesto, é onde se circunscrevem suas emoções, histórias, memórias. É a manifestação concreta de sua personalidade. Seu corpo é seu eu: ele traduz quem as pessoas são, e elas são mais do que apenas um corpo no mundo. Seu corpo é seu mundo, mesmo não sendo mais aquele corpo que conheciam antes. Mas elas mesmas já não são as mesmas, e seu corpo também já não o é: nele agora se inclui a cadeira de rodas, uma extensão do próprio corpo que lhe abre possibilidades, ainda que para os outros seja vista como símbolo de limitação e de estigma. A cadeira se liga ao seu corpo, esse corpo que é delas, esse corpo que é elas. E dessa concepção também comungamos, afirmando que nosso corpo somos nós.

Referências

ALVES, Fabiana Paulino et al. Adolescentes e jovens com deficiência física adquirida por violência: representações sobre deficiência. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, Brasil, vol. 14, núm. 3, 2013, pp. 600-609. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3498>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

BRUAIRE, Claude. **A filosofia do corpo**. São Paulo: Herder, 1972.

CALLEJA, José Manuel Ruiz. Os professores deste século: algumas reflexões. **Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó: Investigación, Biodiversidad y Desarrollo**. 2008. 27 (1): 109-117. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2705047.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência Física: a sociedade cria, "recupera" e discrimina**. Brasília, DF: Secretaria dos Desportos/ PR, 1991.

DINIZ, Amaralina de Arandas Ramos. **A influência da atividade física adaptada na imagem corporal da pessoa amputada: um estudo de caso**. TCC. Universidade Federal da Paraíba - Bacharelado em Terapia Ocupacional. João Pessoa, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física**. 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0515.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v16n2/a02v16n2.pdf>. Acesso em: 08 maio 2020.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2007.

SERNAGLIA, Mirella Bagdadi; DUARTE, Edison; DALLA DÉA, Vanessa Helena Santana. Avaliação do autoconceito em cadeirantes praticantes de esporte adaptado. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 118, set./dez. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Pedro Américo de. **O esporte na paraplegia e na tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

WERNECK, Claudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: Editora W.V.A., 1997.